



ÁRABE

Caderno

Amor capital

ALICE E NAZIH JARJOUR:

A TRAJETÓRIA DE
UMA FAMÍLIA ÁRABE NO
CORAÇÃO DO BRASIL

Edição com conteúdo em
português, árabe e inglês



Caderno ÁRABE

Atualidades, negócios, política,
variedades e cultura

CONECTANDO O BRASIL E AS NAÇÕES DO MUNDO
ÁRABE. INFORMAÇÃO E CONTEÚDO COM O
SELO DE QUALIDADE REVISTA CARTA DO LÍBANO

CONTATO@CADERNOARABE.COM.BR

CADERNO DO BRASIL LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA
ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
MARCOS STEFANO Z. COUTO

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 500,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL
E INTERNACIONAL

OBSERVAÇÃO
AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE
RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL
CONTATO@CADERNOARABE.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - C.J. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CADERNOARABE.COM.BR



NOSSA CAPA
ALICE E NAZIH JARJOUR
FOTO
ÁLBUM DA FAMÍLIA

FOTO: DIVULGAÇÃO

Caderno ÁRABE

*Eixo monumental:
da Síria a Brasília*

É inegável a marca da presença árabe no Brasil e sua enorme contribuição nos mais diversos segmentos da vida brasileira em quase 150 anos de fluxo migratório e intercâmbio entre nações. Dos primeiros imigrantes chegados ainda nos tempos do Império até os empreendedores vindos no segundo pós-guerra, a colônia árabe foi acolhida, prosperou através da dedicação ao trabalho e assumiu com orgulho a nova pátria para suas famílias e descendentes, que se encontram de norte a sul do País.

A trajetória dos Jarjour ecoa nesse panorama como muitas outras, porém se destaca por estar intimamente ligada a um local e cenário historicamente relevantes.

Nascido na Síria, Nazih Jarjour - juntamente com seu pai Aziz Jarjour e sua mãe, Munia - escolheu o Planalto Central para viver, a partir de um marco nacional, a construção de Brasília, e de um dos símbolos brasileiros no mundo, a produção de café.

É essa história que você leitor vai conhecer nesta edição do Caderno Árabe, nas palavras do próprio Nazih e, sobretudo, de sua mulher, Alice Zogbi Jarjour, autora de um livro sobre a saga familiar.

Boa leitura



FOUAD NAIME
EDITOR

GENTE
QUE FAZ

Nazih Jarjour Pioneirismo NO PLANALTO CENTRAL

O "CORAÇÃO DO BRASIL" NÃO FOI APENAS TERRENO FÉRTIL PARA OS FILHOS DA TERRA, MAS TAMBÉM LOCAL DE OPORTUNIDADES PARA OS QUE AQUI CHEGARAM E UNIRAM SUA HISTÓRIA À DA NOVA PÁTRIA. COMO FOI O CASO DESSE BRASILEIRO NASCIDO NA SÍRIA

FOTO: DIVULGAÇÃO



O empresário
Nazih Jarjour tem
uma trajetória de
empreendedor,
ambição, coragem
e determinação

OS JARJOUR CHEGARAM DURANTE A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL, ESTABELECEAM-SE NO COMÉRCIO PARA, EM SEGUIDA, INVESTIREM NA PLANTAÇÃO

A construção de Brasília foi um grande marco na história brasileira no século passado. Transferir o eixo político do País do esfuziante e internacional Rio de Janeiro para o inóspito e despovoado Planalto Central, apesar de ser uma ideia antiga - já estava nos planos do marquês de Pombal, ainda nos tempos do Brasil Colônia, e a pedra fundamental da cidade está lá desde 1922 - era uma tarefa audaciosa, árdua e, para muitos, praticamente impossível. Mas aconteceu, durante o mandato de Juscelino Kubitschek, o “presidente Bossa Nova”, e a cidade foi inaugurada em 1960.

Porém, antes, os esforços para a construção da nova capital atraíram um verdadeiro exército de trabalhadores para colocar em pé o arrojado Plano Piloto de Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Gente de norte a sul do Brasil e de inúmeras partes do mundo, como o imigrante sírio Aziz Abdalla Jarjour, sua mulher Múnia e os três filhos: Nazih, Monder e Abdalla. Sobretudo o primogênito Nazih, que veio a ser um dos empreendedores pioneiros da região e hoje segue como personalidade e cidadão destacado na sociedade brasiliense.

Os Jarjour chegaram durante a construção da capital, estabeleceram-se primeiramente no comércio para, em seguida, investirem na plantação, colheita, torrefação, empacotamento e venda do café candango. Visionários, eles transformaram oportunidades em negócios, desenvolvendo a economia local e misturando suas histórias com a do novo capítulo da vida brasileira.

No Distrito Federal, a cafeicultura ganha cada vez mais espaço e se caracteriza pela alta qualidade dos grãos. Um desempenho que não se deve apenas às questões naturais e ambientais - altitude, clima, baixa umidade - mas muito à expertise desenvolvida ao longo dos anos pelos fazendeiros. Eles cultivam as plantações em terrenos a mil metros de altitude, totalmente irrigados, com o auxílio de consultores e tecnologia que fazem a cultura render o máximo no menor espaço disponível. Entre esses produtores está a família Jarjour.

Essa trajetória está devidamente registrada em Nazih Jarjour – Uma Trajetória de Fé, Amor, Coragem e Determinação (Editora Vitalia), livro escrito pela professora e mulher do biografado, Alice Salem Zogbi Jarjour. Em seu trabalho, ela reuniu memórias, histórias e imagens do riquíssimo álbum de família,

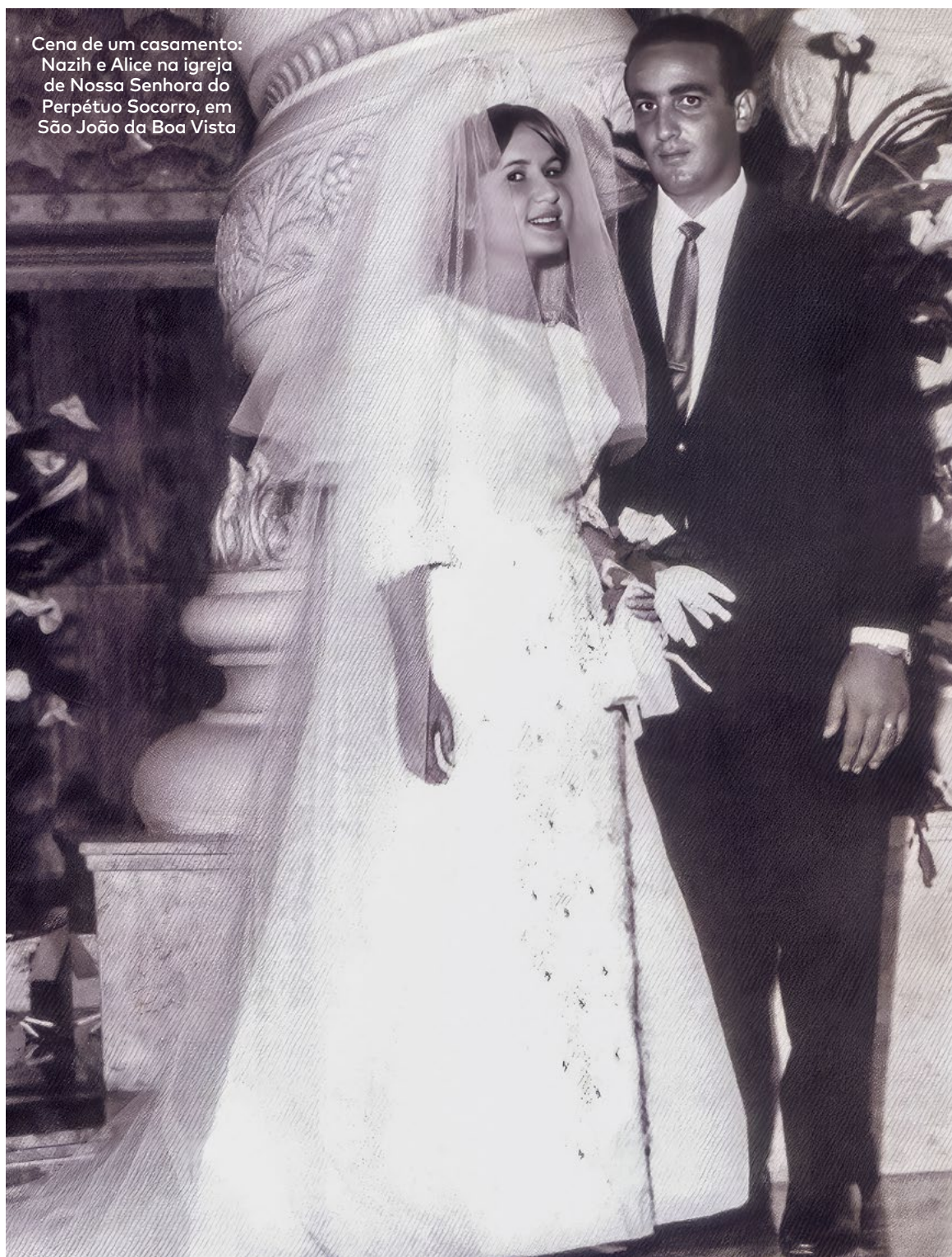


Dona Múnia e seu
Aziz Jarjour, pais
de Nazih Jarjour



Dona Múnia e seus
três filhos: Monder,
Abdalla e Nazih

Cena de um casamento:
Nazih e Alice na igreja
de Nossa Senhora do
Perpétuo Socorro, em
São João da Boa Vista



relatando uma saga secular, desde as origens da família na Síria. “A ideia de traduzir em palavras a história heroica de Nazih e de seus pais era há muito acalentada. Os diversos percalços da vida foram postergando a realização do projeto, mas chegou a hora de louvarmos e agradecermos a Deus pela história de vida unida e solidária em que todos se ajudaram e todos venceram”, escreve a autora na apresentação da obra que une os caminhos de suas famílias tendo como pano de fundo os bastidores do nascimento de Brasília.

NA PEQUENA HAFAR

A história se iniciou bem longe do cerrado do Planalto Central brasileiro. As raízes dos Jarjour se encontram em Hafar, um distrito de Homs, a 110 quilômetros de Damasco, na Síria. Situado 1150 metros acima do nível do mar, era a típica cidadezinha interiorana que oferece um clima ameno e agradável no verão, bem diferente da capital, onde o calor chega a ser insuportável. Os mais jovens, que deixavam o local para trabalhar ou estudar em grandes centros, costumavam retornar nas férias de verão para rever as famílias. Uma movimentação comum para quem estava vivendo em outras cidades sírias ou havia se espalhado pelo Golfo Pérsico, Europa, Estados Unidos e Brasil.

Os tradicionais encontros de família em Hafar eram uma tradição do lugar, muito alegres e festivos com seus sahras - saraus que varavam as madrugadas - com direito à muita comida, bebida e dabke, a dança típica da região. Um dos poucos povoados cristãos em um país de maioria islâmica, era predominantemente católico síriaco, bastante influenciado pelas missões dinamarquesas, que lá instalaram uma escola e uma igreja protestantes.

Foi nessa escola que Aziz Jarjour conheceu a jovem professora Múnia Fadlo Cury, natural de Deir Atié, cidade 18 quilômetros distante de Hafar. Para que pudessem se casar, Aziz se converteu ao catolicismo ortodoxo. Órfão, ele foi criado pelo irmão mais velho, Mussa. Juntos, comandavam o moinho de trigo da família e um comércio de lã de carneiro, garantindo o sustento familiar, porém não sem percalços.

Isso, somado ao espírito aventureiro de Aziz, fez com que o rapaz tomasse a decisão de buscar outros rumos. Seguindo os passos de um primo, decidiu partir para o Brasil, uma “Terra de Prosperidade”, conforme tomou conhecimento. Assim, no fim de 1947, deixou a pátria, a família, os amigos e todas suas referências rumo a Belo Horizonte. Múnia e os três filhos permaneceram na Síria, morando com a mãe dela em Deir Atié.

AS RAÍZES DA FAMÍLIA JARJOUR SE ENCONTRAM EM HAFAR, UM DISTRITO DE HOMS, A 110 QUILOMETROS DE DAMASCO, NA SÍRIA

NO BRASIL, UM INÍCIO MINEIRO

O reencontro da família aguardou longos cinco anos para acontecer. E se daria na própria capital mineira, onde Aziz chegou com um sonho e sem saber uma palavra de português, como tantos patrícios antes e depois dele. Iniciou a nova vida com um bar e café e, em seguida, mudou-se para o bairro da Lagoinha, montando um bar e armazém de secos e molhados. Seu principal ajudante passou a ser o filho mais velho, Nazih - que chegou ao Brasil com dez anos, depois de uma longa viagem que incluiu uma espera de 12 dias, em Gênova, na Itália, e outros 20 no porão de um navio. “A água do mar batia nas janelas”, lembra hoje Nazih.

Já no Brasil, depois de dominar o idioma local, falando e escrevendo com fluência, o garoto Nazih completou a 5ª série do ensino fundamental e se deu por satisfeito. Deixou a escola alegando que os pais precisavam de seu trabalho. “Desde muito cedo, ele tomou para si a responsabilidade de ser o arrimo da família. Nazih foi formado pela escola da vida, cujos golpes o ensinaram a crescer com toques nem sempre suaves em sua alma. Mas com o passar dos anos, ele mostrou sua capacidade de trabalho e aptidão para os negócios. Sua aguçada visão comercial fez os investimentos da família se expandirem”, conta Alice no livro.

Na capital mineira, os Jarjour investiram bastante, fizeram muitos amigos e se engajaram na comunidade síria e libanesa local. Mas os negócios não se mostraram tão promissores. Nesse mesmo tempo, Juscelino Kubitschek de Oliveira foi eleito presidente da República prometendo 50 anos de desenvolvimento em apenas cinco de mandato, e fez o que muitos julgavam impossível: começar a construção de uma nova capital para o Brasil. Empolgado e sonhando com as novas possibilidades, Aziz chamou a esposa e o filho Nazih para uma conversa. Juntos decidiram que o momento era oportuno e os sacrifícios, necessários. Venderam o que tinham e partiram para o Planalto Central.

BRASÍLIA, A “CIDADE-CÉU”

Em junho de 1958, após 14 dias de exaustiva viagem, com direito a muitas estradas de terra e até travessia de rio - na qual o antigo Ford 1934 da família precisou ser puxado por trator para não ter o motor inutilizado - os Jarjour se estabeleceram em casa própria na Cidade Livre, o atual Núcleo Bandeirante. Apesar da cidade ainda ser incipiente, a ponto de a única iluminação visível da estrada serem as luzes azuis da pista do aeroporto, encontram lá bancos, armazéns atacadistas, lojas de tecidos e de



Alice Jarjour com a família em sessão de autógrafos do livro que conta a história do marido



A sede do Café Arábia nos anos 1960

“DESDE MUITO CEDO,
ELE TOMOU PARA SI A
RESPONSABILIDADE DE
SER O ARRIMO DA FAMÍLIA.
NAZIH FOI FORMADO
PELA ESCOLA DA VIDA”

A EMOÇÃO DE QUEM VIU A “NOVA CAP” NASCER É NARRADA COM EMOÇÃO PELA AUTORA: “ALGUÉM CHAMOU BRASÍLIA DE ‘CIDADE-CÉU’”

móveis, serrarias, sapatarias, madeiras e uma concessionária Volkswagen.

Havia também o Batalhão da Guarda de Polícia, sob o comando de Goiás, e o Corpo de Bombeiros. Tudo funcionando em construções de madeira. O restaurante mais sofisticado da cidade era o Tudo Azul, do amigo Jalil Moufarrege, sócio da fábrica de refrigerantes local. Diariamente, em um percurso de pouco mais de 500 metros, um carro equipado com vários alto-falantes tocava a Ave-Maria de Gounod. De fato, a fé se mostraria essencial dali em diante.

Precavido, Aziz dividiu a casa em duas partes e alugou a parte da frente para um conhecido que abriu uma loja de roupas. Na sua parte, ele instalou um bar, equipado com uma estratégica máquina de sorvete. Além das mais de 30 famílias de comerciantes que conviviam por lá, o objetivo do projeto governamental era atrair a imensa mão de obra que trabalhava em três turnos diários na construção da nova capital. Eram milhares de operários que tinham como única opção de lazer comer e beber algo diferente do feijão com arroz oferecido nas cantinas das construtoras.

“Era espantoso o ritmo frenético das obras. Como eu entregava café às terças nas cantinas

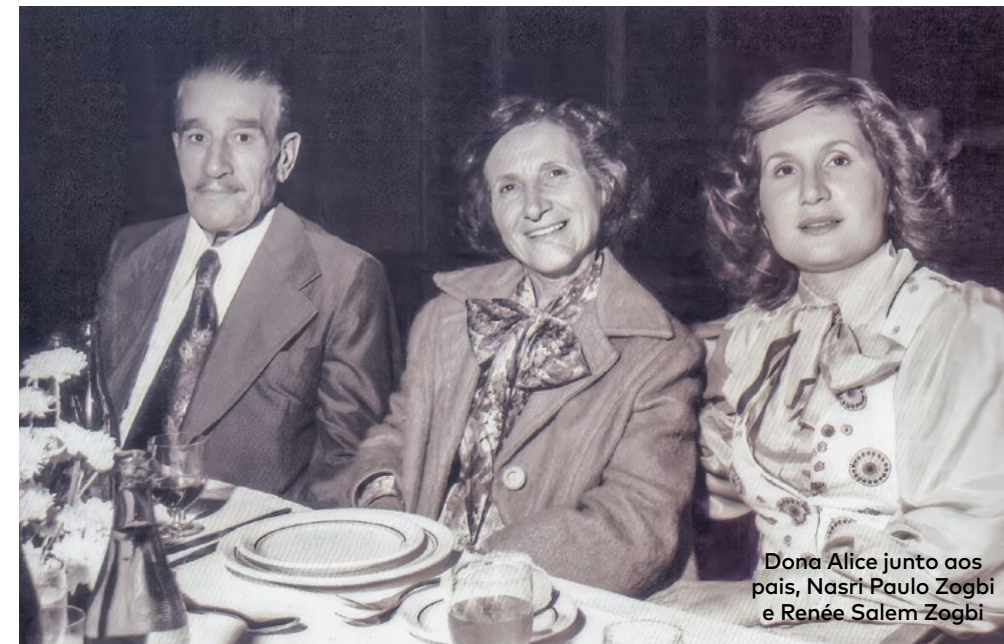
das construtoras, ficava deslumbrado com a rapidez com que desmatavam e com a abertura do Eixo Central e os eixos Leste e Oeste da Asa Sul. Toda estrutura metálica vinha de navio dos Estados Unidos até Santos. De lá, seguia de trem até Anápolis e de caminhão até a Praça dos Três Poderes. Esse trajeto, desde o Congresso Nacional até a Rodoviária, foi aterrado e nivelado com a terra tirada para a construção dos subolos da estação rodoviária”, recorda Nazih.

A emoção de quem viu a “nova cap” nascer é narrada com emoção pela autora: “Alguém chamou Brasília de ‘Cidade-Céu’, pois este parece estar ao alcance de nossas mãos. Nem é preciso olhar para o alto para vê-lo e apreciá-lo. Abriam-se as portas da civilização para o Centro-Oeste brasileiro. De uma cruz feita num papel branco, surge um elegante traçado em forma de avião. Daí descortina-se Brasília, a capital do Brasil”.

E assim, tudo ia bem até uma noite em setembro de 1960.

RENASCIDOS DAS CINZAS

No espaço entre as 23h e uma da manhã, a casa e o comércio da família foram consumidos por um incêndio, alimentado pelo tempo seco,



Dona Alice junto aos pais, Nasri Paulo Zogbi e Renée Salem Zogbi



Na catedral ortodoxa de Brasília: Condecoração de Nazih Jarjour pelo arcebispo dom Damaskinos Mansour com a Comenda de Grau Comendador dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo

NAZIH, ENTÃO COM 18 ANOS, MERGULHOU NO TRABALHO INTENSO DE ENTREGA DAS SACAS DE CAFÉ, AUXILIANDO O PAI EM TUDO O MAIS QUE PODIA

por um corpo de bombeiros de apenas quatro homens, um único e incipiente caminhão pipa e um grande estoque de bebidas alcoólicas - visando as festas de fim de ano. Seu Aziz e dona Múnia mais Nazih e os irmãos ficaram reduzidos apenas às roupas do corpo. Contaram com a solidariedade da comunidade local e, uma semana depois, encontraram um novo endereço para morar. “E como Deus abre uma porta a cada janela que se fecha”, avisa a professora Alice em sua prosa, “algo bom estava para acontecer”.

Em Brasília, Aziz havia estreitado uma bela amizade com Abdias Silva, empresário local do ramo de café. Já idoso, cansado e pensando em diminuir o ritmo, ele propôs ao amigo sírio o arrendamento da torrefação e moagem do Café Paranoá, de sua propriedade. Outro amigo de Aziz, de Belo Horizonte, quando soube do negócio ofereceu-se para ser sócio na compra da torrefação.

Nazih, então com 18 anos, mergulhou no trabalho intenso de entrega das sacas de café, auxiliando o pai em tudo o mais que podia. O mesmo não acontecia do lado de lá da sociedade. Mesmo assim, o negócio floresceu.

Não demorou para que conflitos e desentendimentos surgissem entre os sócios com os Jarjour se retirando da empreitada - com certo

prejuízo - para iniciar uma nova etapa. Nazih diz com orgulho: “Meu pai era um homem que caía de pé”. E então nasceu o Café Arábia.

No livro, o empresário recorda: “Não há mal que não venha para o bem. Eu e meu pai fomos para Goiânia. Conhecemos as instalações da nova e moderna torrefação do café O Mercador, de propriedade do senhor Zidan, que nos deu as coordenadas e fomos a São Paulo para negociar e comprar maquinário para o nosso negócio”.

Entre a chegada dos equipamentos e a construção do galpão de alvenaria com 150 metros, no Setor Industrial de Taguatinga, foram longos oito meses. Os cuidados na montagem da nova torrefação eram divididos com uma mercearia que a família havia aberto na Asa Sul e aos poucos as dificuldades foram superadas. Para enfrentar a concorrência das mais de duas mil torrefações registradas em todo o país no Instituto Brasileiro do Café (IBC), foi escolhido o nome de Café Arábia, em alusão à região originária de uma das variedades que está entre os melhores grãos do mundo. A embalagem trazia um desenho típico daquela região e foi apontada como uma das mais criativas da época.

O café que vinha de Goiânia, inicialmente, era vendido às padarias. Segundo Nazih: “Eu deixava o café para receber no dia seguinte.



Natal no clã dos Jarjour:
Nazih e Alice junto ao
lado dos filhos e netos



Nazih e Alice Jarjour
em almoço de
Confraternização dos
Pioneiros, em Brasília



O casal recebeu homenagem pela colaboração da empresa Café Arábia no desenvolvimento da cidade de Taguatinga

Quando chegava, já faltava café. Mas quando recebia, dava 30% para as balconistas. Não havia venda sem esse 'brinde'. Não demorou e o Arábia chegou aos supermercados. Em sete anos, ao atingir a cota máxima do IBC - de 1.600 sacas por mês - a marca era líder de mercado. O crescimento exigiu novas instalações, maquinário moderno e frota renovada. A empresa praticamente inaugurou o novo Setor Industrial, na região norte de Taguatinga.

O crescimento do negócio de café também levou a uma diversificação nos negócios dos Jarjour, que passaram a investir na fabricação e distribuição de féculas de milho, na panificação industrial de pães e biscoitos, concessionárias de veículos, postos de combustíveis, rede de supermercados e locadora de carros executivos e blindados. No final da década de 1970, enquanto o Café Arábia estabeleceu novos recordes de venda, alcançando 120 toneladas mensais, a família Jarjour partiu para o agronegócio.

A proposta era investir na lavoura branca, criação de gado e, claro, plantação de café. Surgia ali a Fazenda Arábia, com cerca de dois mil hectares, a primeira do Distrito Federal com tal dimensão. Nos anos 1990, para abrir espaço para a cultura da soja, foi comprada a Fazenda São Jorge, em Padre Bernardo (GO), para onde se transferiu toda a criação de gado de corte.

MUITOS QUILOMETROS ATÉ O ALTAR

Uma das grandes paixões de Nazih Jarjour é viajar. Principalmente cair na estrada, ao volante de caminhões, carros e motorhomes, para fazer bons negócios ou conhecer o Brasil. Em uma dessas jornadas o destino era São Paulo e ele conheceu uma paixão ainda maior. Os Jarjour foram até a capital paulista comprar os primeiros maquinários para o novo Café Arábia e aproveitaram para fazer uma visita a Salime Salem, amiga e antiga vizinha de dona Múnia na de Deir Atié. Lá, Nazih se encontrou com Alice Salem Zogbi, então uma adolescente de 15 anos, que morava em São João da Boa Vista, no interior do estado, e estava passando férias na casa da avó.

O pai de Alice, Nasri Paulo Zogbi, nasceu na cidade montanhosa de Cornet Chahwan, a 18 quilômetros de Beirute. Chegou ao Brasil com apenas dez anos e foi viver com a família no interior paulista. Em São João da Boa Vista, tornou-se sócio de uma fazenda de algodão e da loja Boa Vista, importante referência no comércio local. Já sua mãe, Renée Salem, filha de comerciantes de Deir Atié, na Síria, veio também com a família para o Brasil por causa da saúde do irmão, que sofria de febre reumática. Estabeleceram-se em Ribeirão Preto.

NO FINAL DA DÉCADA DE 1970, ENQUANTO O CAFÉ ARÁBIA ESTABELECEU NOVOS RECORDES DE VENDA, A FAMÍLIA JARJOUR PARTIU PARA O AGRONEGÓCIO



Saudosa memória: Nazih com a filha Rosângela, morta precocemente em 2017, aos 47 anos. Uma perda que abalou a família



Na sala de dona Múnia Jarjour: Almoço para o então presidente da República, general João Figueiredo - o último do regime militar - acompanhado de três ministros

Se o primeiro encontro entre Nazih e Alice, em 1961, foi casual e despretensioso, o mesmo não se pode dizer dos seguintes. Quatro anos depois, Múnia Jarjour estava nos Estados Unidos visitando parentes e amigos, quando descobriu que Alice ainda estava solteira. Ela queria muito que o filho mais velho se casasse com uma moça com as mesmas raízes que as suas. Como se algo urgente desassossegasse seu espírito, interrompeu a viagem e voltou rapidamente ao Brasil e organizou uma visita à jovem. Porém, não faltaram obstáculos para atrapalhar os planos. “Na época, Nazih passou por cirurgia do apêndice e enfrentou problemas na recuperação por causa de uma alergia aos esparadrapos usados. Mas dona Múnia era uma mulher de decisões rápidas e firmes. Insistiu que ele precisava acompanhá-la a São Paulo. E tão logo ele teve alta caíram na estrada”, recorda a autora.

Foi somente uma entre muitas idas e vindas entre Brasília e São João da Boa Vista. Algumas em uma antiga Kombi que, como lembraria Nazih, “não podia ver uma subida que já chorava... e não passava dos 60 quilômetros por hora”. Finalmente, em 1966, colocou fim aos quilômetros de distância e subiu ao altar.

Dessa união, nasceram três filhos: Samira, Rosângela e Aziz. “De tudo que conquistamos, os filhos e a família foram nossos maiores tesouros,

verdadeiras bênçãos de Deus. Como já dizia Khalil Gibran, eles não nos pertencem. Samira, por exemplo, viajou com a avó para os Estados Unidos para fazer uma pós-graduação e ficou por lá. Casou-se e teve nossos primeiros netos lá. Poderíamos impedir? Jamais. Fizemos do distanciamento um motivo para visitá-los sempre ou eles a nós. O importante é fazer dos limões que a vida nos dá saborosas limonadas”, ensina a professora Alice.

CAFÉ, LIMÕES E LIMONADA

Aos 81 anos, Nazih vive com Alice na fazenda da família, mas quem cuida do dia a dia dos negócios é o filho Aziz. A Agropecuária Arábia Ltda. produz toneladas de grãos por ano, entre soja, milho, girassol e café. Culturas que dividem espaço com o gado da raça nelore. Nazih calcula que, desde o começo da década de 1960 até agora, já vendeu cerca de 40 milhões de quilos de café no mercado local e outros tantos mundo afora, por meio de sua marca internacional, a Café Continental, com uma linha de produtos especiais.

Em 2015, o Café Arábia passou por diversas mudanças em sua imagem, ganhando nova embalagem e uma família de produtos relacionados, como filtros de café, cappuccinos, café solúvel e achocolatado. Mas

“DE TUDO QUE
CONQUISTAMOS, OS FILHOS
E A FAMÍLIA FORAM
NOSSOS MAIORES
TESOUROS, VERDADEIRAS
BÊNÇÃOS DE DEUS”

ALCANÇAR TAL SUCESSO E, COMO DIZ ALICE, “TRANSFORMAR LIMÕES EM LIMONADA” NEM SEMPRE FORAM TAREFAS FÁCEIS

manteve as características tradicionais que o consagraram como um dos preferidos no gosto dos consumidores: aroma forte, persistente, e pouca acidez.

Alcançar tal sucesso e, como diz Alice, “transformar limões em limonada” nem sempre foram tarefas fáceis. Mas a família entende que cada desafio precisa ser enfrentado com resiliência, esforço, trabalho e fé. Mesmo quando é necessário pagar altos preços. Como na venda da sociedade do pioneiro Café Paranoá por um preço bem abaixo do mercado e recomeçar do zero. Ou quando o casal enfrentou a dor maior com a trágica perda da filha Rosângela, morta precocemente vitimada por um tipo raro de câncer.

Todo esse percurso ajudou Nazih, Alice e filhos a tirar o melhor proveito da vida. Tornaram-se um clã de personalidade gregária, generosa, capaz de receber em casa tanto ministros, presidentes e outras personalidades, como os amigos queridos cultivados ao longo dos anos, sem jamais perder o carinho e a ternura. Mesmo trabalhando de sol a sol, Nazih encontra tempo para se dedicar à família e se engajar nas mais diversas causas sociais - que causaram impacto na Capital Federal mesmo antes de sua fundação.

Da construção da Igreja Ortodoxa Antioquina de Brasília, no Lago Sul, à criação do Instituto de Cultura Árabe (ICAB) - o maior de seu tipo no Centro-Oeste brasileiro e uma referência para imigrantes, descendentes e apreciadores da cultura e dos valores desses povos. Até a construção da embaixada da Síria, nos anos 1970, quando Nazih se uniu a amigos formando uma comissão - representando a Colônia Síria de Brasília - para supervisionar as obras. A trajetória de Nazih Jarjour é parte da história de Brasília.

Em 1977, acompanhado da mulher Alice e dos pais, Nazih finalmente voltou à Síria, sua terra natal. E foi recebido como filho pródigo pelos habitantes da cidade de Hafar. A partir daí foram várias as visitas do casal Jarjour ao país e, nos anos 1980, eles deixaram seu legado em Hafar, inaugurando uma clínica para atender os moradores.

Em seu livro, a professora Alice Salem Zogbi Jarjour, citando o poeta português Fernando Pessoa, resume bem não só o espírito da obra como uma importante lição de vida:

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.” ■



Nazih Jarjour em sua
Harley-Davidson

لم تكن "قلب البرازيل" أرضاً خصبة
لأبناء وبنات الأرض فحسب، بل كانت
أيضاً مكاناً للفرص لأولئك الذين قدموا
إلى هنا وربطوا تاريخهم بتاريخ وطنهم
الجديد. كما كان الحال بالنسبة لهذا
البرازيلي السوري المولد.

لبعد المسافة بالكيلومترات وسارت في الممر.

ومن هذا الزواج، وُلد ثلاثة أطفال: سميرة وروزانجيلا وعزيز. "من بين كل ما حققناه، كان أطفالنا وعائلتنا أعظم كنوزنا، بركات حقيقية من الله. وكما قال جبران خليل جبران ذات مرة إنهم ليسوا ملكاً لنا. فقد سافرت سميرة على سبيل المثال مع جدتها إلى الولايات المتحدة الأمريكية للدراسات العليا وبقيت هناك. تزوجت وأنجبت أول أحفادنا هناك. هل يمكننا إيقافها؟ أبداً. لقد حولنا بعد المسافة إلى سبب لزيارتهم وزيارتنا دائماً. المهم هو أن نصنع من الليمونة التي تعطينا إياها الحياة عصير الليمون".

القهوة والليمون والليموناضة

يعيش نزيه الذي يبلغ من العمر 81 عاماً مع أليس في مزرعة العائلة، لكن ابنه عزيز هو الذي يعتني بالإدارة اليومية للأعمال. تنتج شركة Agropecuária Arábia Ltda أطناً من الحبوب سنوياً، بما في ذلك الصويا والذرة وعباد الشمس والقهوة. وتتقاسم هذه المحاصيل المساحة مع ماشية نيلور. ويقدر نزيه أنه منذ بداية الستينيات باع حوالي 40 مليون كيلو من القهوة في السوق المحلية وأكثر من ذلك بكثير في جميع أنحاء العالم، من خلال علامته التجارية العالمية "كافيه كونتيننتال" التي تضم مجموعة من المنتجات المتخصصة.

في عام 2015، خضع كافيه أرابيا لعدة تغييرات في صورته، حيث حصل على عبوات جديدة وعائلة من المنتجات ذات الصلة، مثل فلاتر القهوة والكابتشينو والقهوة سريعة التحضير وحليب الشوكولاتة. لكنها احتفظت بالخصائص التقليدية التي جعلتها مفضلة لدى المستهلكين: الرائحة القوية والثابتة والحموضة المنخفضة.

إن تحقيق هذا النجاح، وكما تقول أليس، "تحويل الليمون إلى ليموناضة" لم يكن دائماً مهمة سهلة. ولكن العائلة تدرك أنه يجب مواجهة كل تحدٍ بالمرونة والجهد والعمل الجاد والإيمان. حتى عندما يتعين دفع أثمان باهظة. مثل عندما باعا شراكتهما في مقهى بارانوا الرائد بسعر أقل بكثير من القيمة السوقية وبدأ من الصفر. أو عندما واجه الزوجان أكبر قدر من الألم مع فقدان المأساوي لابنتهما روزانجيلا التي توفيت في وقت مبكر بسبب نوع نادر من السرطان.

كل هذا ساعد نزيه وأليس وأطفالهما على تحقيق أقصى استفادة من الحياة. لقد أصبحوا عشيرة ذات شخصية اجتماعية كريمة، قادرة على الترحيب بالوزراء والرؤساء والشخصيات الأخرى في منزلهم، بالإضافة إلى الأصدقاء الأعزاء الذين كُونوهم على مر السنين، دون أن يفقدوا أبداً مودتهم وحنانهم. وعلى الرغم من أنها تعمل من شروق الشمس إلى غروبها، إلا أن أليستجد الوقت لتكريسه لعائلتها

والانخراط في أكثر القضايا الاجتماعية تنوعاً - والتي كان لها تأثيرها على العاصمة الاتحادية حتى قبل تأسيسها.

من بناء الكنيسة الأرثوذكسية الأنطاكية في برازيليا، في لاغو سول، إلى إنشاء معهد الثقافة العربية (ICAB) وهو الأكبر من نوعه في الوسط الغربي البرازيلي و نقطة مرجعية للمهاجرين والمتحدرين ومحبي ثقافة وقيم هذه الشعوب. حتى بناء السفارة السورية في سبعينيات القرن العشرين، عندما انضم نزيه إلى أصدقاء له لتشكيل لجنة - تمثل المستعمرة السورية في برازيليا - للإشراف على العمل. تعتبر مسيرة نزيه جرجور جزءاً من تاريخ برازيليا.

في عام 1977، عاد نزيه أخيراً إلى موطنه سوريا برفقة زوجته أليس ووالديه. واستقبله سكان بلدة الحفر استقبال الابن الضال. ومنذ ذلك الحين، زار الزوجان جرجور البلاد عدة مرات، وفي الثمانينات، تركا إرثهما في الحفر، حيث افتتحتا عيادة لخدمة السكان المحليين.

في كتابها، لا تلخص الأستاذة أليس سالم زغبى جرجور في كتابها، مقتبسة من الشاعر البرتغالي فرناندو بيسوا روح العمل فحسب، بل تلخص أيضاً درساً مهماً في الحياة: "لا تكمن قيمة الأشياء في مدة بقائها، بل في مدى كثافة حدوثها. لهذا السبب هناك لحظات لا تُنسى، وأشياء لا يمكن تفسيرها وأشخاص لا يمكن مقارنتها". ■

وساعد والده في كل ما يستطيع. لم يحدث الأمر نفسه في الجانب الآخر من الشركة. ومع ذلك ازدهرت الأعمال التجارية.

ولم يمض وقت طويل حتى نشبت النزاعات والخلافات بين الشركاء، وانسحب آل جرجور من المسعى - بعد أن خسروا بعض الشيء - ليبدأوا مرحلة جديدة. يقول نزيه بفخر: “كان والدي رجلاً سقط على قدميه”. وهكذا وُلد مقهى العرب.

يتذكر رجل الأعمال في الكتاب: “لا ضرر ولا ضرار ولا نفع. ذهبت أنا وأبي إلى غويانيا وشاهدنا مرافق مصنع تحميص البن الجديد والحديث “أو ميركادور” الذي يملكه السيد زيدان الذي أعطانا الإحداثيات وذهبنا إلى ساو باولو للتفاوض وشراء الآلات اللازمة لعملنا”.

استغرق الأمر ثمانية أشهر بين وصول المعدات وبناء السقيفة التي يبلغ طولها 150 مترًا في القطاع الصناعي في تاغواتينغا. وتم تقاسم العمل في إنشاء مصنع التحميص الجديد مع متجر بقالة افتتحته العائلة في آسا سول، وتم التغلب على الصعوبات شيئًا فشيئًا. ومن أجل التنافس مع أكثر من 2,000 محمصة مسجلة في جميع أنحاء البلاد لدى المعهد البرازيلي للقهوة (IBC)، تم اختيار اسم مقهى أرابيا في إشارة إلى المنطقة التي تأتي منها أفضل أنواع البن في العالم. تميزت العبوة بتصميم نموذجي لتلك المنطقة وتم الاعتراف بها كواحدة من أكثر العبوات إبداعًا في ذلك الوقت.

كانت القهوة التي تأتي من غويانيا تُباع في البداية للمخابز. يقول نزيه: “كنت أترك القهوة ليتم توصيلها في اليوم التالي” وعندما وصلت، كان هناك بالفعل نقص في القهوة. ولكن عندما استلمتها كنت أعطي 30 في المائة منها للكتبة. لم تكن هناك مبيعات بدون هذه “الهدية”. لم يستغرق الأمر وقتاً طويلاً حتى وصلت إلى محلات السوبر ماركت. في غضون سبع سنوات، عندما وصلت حصة الشركة إلى الحد الأقصى – 1,600 كيس في الشهر – كانت العلامة التجارية رائدة في السوق. تطلب النمو مرافق جديدة وآلات حديثة وأسطولاً متجدداً. افتتحت الشركة عملياً القطاع الصناعي الجديد، في المنطقة الشمالية من تاغواتينغا.

كما أدى نمو تجارة القهوة إلى تنويع أعمال جرجور، التي بدأت في الاستثمار في تصنيع وتوزيع نشاء الذرة، والمخابز الصناعية للخبز والبسكويت، ووكلاء السيارات، ومحطات البنزين وسلسلة متاجر سوبر ماركت، وشركة لتأجير السيارات التنفيذية والمصفحة. في نهاية السبعينيات، وبينما كان مقهى أرابيا يحقق أرقاماً قياسية جديدة في المبيعات، حيث وصلت إلى 120 طناً شهرياً، انتقلت عائلة جرجور إلى الأعمال التجارية الزراعية.

وكان الاقتراح هو الاستثمار في الحرث الأبيض وتربية الماشية وبالطبع مزارع البن. وعندها ولدت مزرعة فازندا أرابيا التي تبلغ مساحتها حوالي 2,000 هكتار، وهي الأولى من نوعها في المقاطعة

الاتحادية. وفي تسعينيات القرن الماضي، ولإفساح المجال لزراعة الصويا، تم شراء مزرعة فازيندا ساو خورخي في بادري برناردو (GO)، حيث تم نقل جميع الأبقار التي كانت تُربى فيها كيلومترات عديدة إلى المذبح.

السفر هو شغف نزيه جرجور الكبير. وخاصة الجلوس خلف مقود الشاحنات والسيارات والمنازل المتحركة للقيام بأعمال تجارية جيدة أو للتعرف على البرازيل. في إحدى هذه الرحلات، كانت وجهته هي ساو باولو وتعرف في إحدى هذه الرحلات على شغف أكبر. ذهب جرجور إلى ساو باولو لشراء الآلات الأولى لمقهى أرابيا الجديد واغتتم الفرصة لزيارة “سالم سالم”، صديق وجار سابق لنزيه في دير عطية. وهناك التقى نزيه بـ “أليس سالم زغبي”، التي كانت آنذاك مرافقة تبلغ من العمر 15 عاماً، وكانت تعيش في ساو جواو دا بوا فيستا في المناطق الداخلية من الولاية وكانت تقضي عطلتها في منزل جدتها.

وُلد والد أليس، نصري باولو زغبي، في بلدة قرنة شهوان الجبلية، على بعد 18 كيلومتراً من بيروت. وصل إلى البرازيل عندما كان عمره عشر سنوات وذهب للعيش مع عائلته في المناطق الداخلية من ساو باولو. في ساو جواو دا بوا فيستا، أصبح شريكاً في مزرعة قطن وفي متجر بوا فيستا، وهو مرجع مهم في التجارة المحلية. كما جاءت والدته، رينيه سالم، وهي ابنة تاجر من دير عطية في سوريا، مع عائلتها إلى البرازيل لأن أخاها كان يعاني من الحمى الروماتيزمية واستقروا في ريبيراو بريتو.

إذا كان اللقاء الأول بين نزيه وأليس، في عام 1961، عادياً وبسيطاً، فلا يمكن قول الشيء نفسه عن اللقاءات التالية. بعد أربع سنوات، كانت مونيا جرجور في الولايات المتحدة الأمريكية في زيارة للأقارب والأصدقاء عندما اكتشفت أن أليس لا تزال عزباء. كانت تريد حقاً أن يتزوج ابنها الأكبر من فتاة من نفس جذورها. وكما لو كان هناك شيء عاجل يزعجها، قطعت رحلتها وعادت بسرعة إلى البرازيل لتنظيم زيارة للشابة. ومع ذلك، كان هناك الكثير من العقبات التي اعترضت طريق خطتها. في ذلك الوقت، كان نزيه قد خضع لعملية جراحية في الزائدة الدودية وواجهته مشاكل في التعافي بسبب حساسية من الجص اللاصق المستخدم. لكن السيدة مونيكا كانت امرأة سريعة وحازمة في اتخاذ القرارات. أصرت على أن يرافقها إلى ساو باولو. وبمجرد خروجه من المستشفى، انطلقوا إلى الطريق.

كانت مجرد واحدة من رحلات الذهاب والإياب العديدة بين برازيليا وساو جواو دا بوا فيستا وكان بعضها في سيارة كومبي قديمة، وكما يتذكر نزيه: “لم يكن باستطاعتي أن أرى ارتفاعاً وكنت أبكي...، ولم تكن سرعتها تتجاوز 60 كيلومتراً في الساعة”. وأخيراً، في عام 1966 وضعت حدًا

”كانت مياه البحر تضرب النوافذ“.

بعدعودته إلى البرازيل، وبعد إتقان اللغة المحلية والتحدث والكتابة بطلاقة، أكمل نزيه الصف الخامس الابتدائي وكان راضياً عن نفسه. ترك المدرسة لأن والديه كانا بحاجة إلى عمله. “ومنذ نعومة أظفاره، أخذ على عاتقه أن يكون معيلاً. تكوّن نزيه في مدرسة الحياة، التي علّمته ضرباتها أن يكبر بلمسات لم تكن دائماً لطيفة على روحه. ولكن على مر السنين أظهر قدرته على العمل واستعداده للعمل. فقد كانت رؤيته التجارية الثاقبة هي التي جعلت استثمارات العائلة تتوسع”. وفي عاصمة ميناس جيرايس، استثمر آل جرجور بكثافة، وكوّنوا العديد من الأصدقاء وانخرطوا في المجتمع السوري واللبناني المحلي. لكن الأعمال لم تكن واعدة. في الوقت نفسه، انتُخب جوسيلينو كوبيتشيك دي أوليفيرا رئيساً للجمهورية، ووعد بخمسين عاماً من التنمية في خمس سنوات فقط من توليه المنصب، وفعل ما كان يعتقد الكثيرون أنه مستحيل بدأ في بناء عاصمة جديدة للبرازيل. متحمساً وحالماً بالإمكانات الجديدة، اتصل عزيز بزوجته وابنه نزيه للدرشة وقررا معاً أن الوقت مناسب وأن التضحيات ضرورية. باعا ما لديهما وانطلقا إلى الهضبة الوسطى.

”برازيليا“، مدينة السماء

في يونيو 1958، بعد 14 يوماً من السفر المرهق، مع العديد من الطرق الترابية وحتى عبور النهر -حيث كان على سيارة الفورد القديمة التي كانت تمتلكها العائلة من طراز 1934 أن يجرها جرار زراعي لتجنب تعطل محركها - استقرت عائلة جرجور في منزلهم الخاص في سيداد ليفر، التي تُعرف اليوم باسم ”نوكليو بانديرانتني“. على الرغم من أن المدينة كانت لا تزال في مهدها، لدرجة أن الأضواء الوحيدة المرئية من الطريق كانت الأضواء الزرقاء لمدراج المطار، إلا أنه كانت هناك بنوك ومخازن للبيع بالجملة ومحلات لبيع الأقمشة والأثاث، ومناشر ومحلات أحذية وساحات خشب ووكالة لبيع فولكس فاجن .

كانت هناك أيضاً كتيبة حراسة الشرطة تحت قيادة غوياس وفرقة الإطفاء. كان كل شيء يقع في مبانٍ خشبية. وكان المطعم الأكثر تطوراً في المدينة هو مطعم تودو أزول، من صديقه جليل مفرج، الشريك في مصنع المشروبات الغازية المحلي. كل يوم، على طريق لا يزيد عن 500 متر كانت سيارة مجهزة بعدة مكبرات صوت تعزف أغنية ”أفي ماريا“ لجونود. وبالفعل، كان الإيمان ضرورياً منذ ذلك الحين.

وتوخياً للحذر، قسّم عزيز المنزل إلى جزأين وأجر الجزء الأمامي إلى أحد معارفه الذي افتتح متجرأ لبيع الملابس. وفي الجزء الخاص به، قام بتركيب حانة مجهزة بماكينه آيس كريم استراتيجية.

بالإضافة إلى أكثر من 30 عائلة من التجار الذين كانوا يعيشون هناك، كان الهدف من المشروع الحكومي هو استقطاب اليد العاملة الضخمة التي كانت تعمل ثلاث ورديات يومياً في بناء العاصمة الجديدة. كان هناك الآلاف من العمال الذين كان خيارهم الوحيد للترفيه هو تناول الطعام والشراب غير الفول والأرز المقدم في مقاصف شركات البناء. كانت الوتيرة المحمومة لأعمال البناء مذهلة. وبينما كنت أقوم بتوصيل القهوة كل يوم ثلاثاء إلى مقاصف شركات البناء، “كنت مندهشاً من السرعة التي تم بها إخلاء الأرض وفتح المحور الأوسط والمحورين الشرقي والغربي للجناح الجنوبي. تم شحن الهيكل المعدني بالكامل من الولايات المتحدة إلى سانتوس. ومن هناك، تم نقله بالقطار إلى أنابوليس ثم بالشاحنات إلى براسا دوس تريز بوديريس. هذا الطريق، من المؤتمر الوطني إلى محطة الحافلات، تم تأريضه وتسويته بالأرض من أجل بناء الطوابق تحت الأرض في محطة الحافلات”، يتذكر نزيه.

تروي الكاتبة بتأثر مشاعر أولئك الذين رأوا ”القبعة الجديدة“ وهي تولد. أطلق أحدهم على برازيليا اسم ”مدينة السماء“، لأنها تبدو في متناول اليد. ليس عليك حتى أن تنظر إلى الأعلى لرؤيتها وتقديرها. كانت أبواب الحضارة تنفتح على الغرب الأوسط البرازيلي. يظهر مخطط أنيق على شكل طائرة على شكل صليب على ورقة بيضاء. ومن هناك، ظهرت برازيليا، عاصمة البرازيل، في الأفق. وهكذا كان كل شيء يسير على ما يرام حتى ذات ليلة في سبتمبر 1960 .

ولادة جديدة من الرماد

بين الساعة الحادية عشرة مساءً والساعة الواحدة صباحاً، التهم حريق كبير، يغذيه الطقس الجاف، منزل العائلة ومحلها التجاري، ومخزون كبير من المشروبات الكحولية لاحتفالات نهاية العام. وكان هنافرقة إطفاء مكونة من أربعة رجال فقط، وشاحنة مياه واحدة في بدايتها. لم يتبق للسيد عزيز والسيدة مونيا بالإضافة إلى نزيه وإخوته، سوى ملابسهم فقط واعتمدوا على تضامن المجتمع المحلي. وبعد أسبوع، وجدوا عنواناً جديداً للعيش فيه تذكر الأستاذة أليس في نثرها “وكما يفتح الله باباً لكل نافذة مغلقة”، “كان هناك شيء جيد على وشك الحدوث“.

في برازيليا، كان عزيز قد أقام صداقة جيدة مع عبدياس سيلفا، وهو رجل أعمال محلي يعمل في مجال القهوة. وبعد أن كان مسناً ومتعباً ويفكر في التباطؤ، اقترح على صديقه السوري أن يستأجر مصنع تحميص وطحن القهوة في مقهى بارانوا الذي كان يملكه. وعندما سمع عن الصفقة، عرض صديق آخر لعزیز من بيلو هوريزونتي أن يكون شريكاً في شراء مصنع التحميص. انغمس نزيه، الذي كان يبلغ من العمر 18 عاماً آنذاك، في العمل المكثف لتوصيل أكياس القهوة

في الحفر الصغيرة

بدأت القصة بعيداً عن السافانا في الهضبة الوسطى البرازيلية. تعود جذور جرجور إلى منطقة الحفر، وهي منطقة تابعة لمدينة حمص، على بعد 110 كيلومترات من دمشق في سوريا. تقع على ارتفاع 1,150 متراً فوق مستوى سطح البحر، وهي بلدة داخلية صغيرة نموذجية ذات مناخ معتدل ولطيف في الصيف، يختلف تمامًا عن العاصمة حيث يمكن أن يكون الحرّ لا يُطاق. كان الشباب الذين غادروا المنطقة للعمل أو الدراسة في مراكز أكبر يعودون في كثير من الأحيان خلال العطلة الصيفية لرؤية عائلاتهم. كان هذا الانتقال شائعاً بالنسبة لأولئك الذين كانوا يعيشون في مدن سورية أخرى أو الذين سافروا إلى الخليج العربي وأوروبا والولايات المتحدة والبرازيل.

كانت التجمعات العائلية التقليدية في الحفر تقليداً محلياً مبهجاً ومبهجاً للغاية مع السهرات العائلية التقليدية في السهرات الليلية التي كانت تقام في وقت متأخر من الليل مع الكثير من الطعام والشراب والدبكة، وهي الرقصة التقليدية للمنطقة. كانت إحدى القرى المسيحية القليلة في بلد ذي أغلبية إسلامية، وكانت القرية ذات أغلبية سريانية كاثوليكية متأثرة إلى حد كبير بالإرساليات الدنماركية التي أنشأت مدرسة وكنيسة بروتستانتية هناك.

في هذه المدرسة التقى عزيز جرجور بالمعلمة الشابة مونيا فضلو كوري من دير عطية، وهي بلدة تبعد 18 كيلومتراً عن حفر. ولكي يتمكنوا من الزواج، اعتنق عزيز الكاثوليكية. نشأ يتيمًا وتربى على يد أخيه الأكبر موسى. كانا يديران معاً مطحنة القمح وتجارة صوف الأغنام في العائلة، مما ضمن للعائلة مصدر رزقها، ولكن لم يخلو الأمر من الحوادث.

وقد أدى ذلك، بالإضافة إلى روح المغامرة لدى عزيز، إلى أن يقرر الصبي البحث عن مسارات أخرى. وعلى خطى أحد أبناء عمومته، قرر الرحيل إلى البرازيل، "أرض الازدهار"، كما علم. وهكذا، في نهاية عام 1947، غادر وطنه وعائلته وأصدقائه وجميع مراجعه إلى بيلو هوريزونتي. وبقيت مونيا وأطفالها الثلاثة في سوريا، حيث عاشت مع والدتها في دير عطية.

في البرازيل، بداية في ميناس جيرائيس

استغرق لم شمل الأسرة خمس سنوات. وحدث ذلك في عاصمة ميناس جيرائيس نفسها، حيث وصل عزيز بحلم ودون أن يعرف كلمة برتغالية مثل الكثير من أبناء بلده قبله وبعده. بدأ حياته الجديدة في حانة ومقهى ثم انتقل إلى حي لاغوينها، حيث أنشأ حانة ومتجرًا للبضائع الجافة. وأصبح مساعده الرئيسي ابنه البكر نزيه - الذي وصل إلى البرازيل وهو في العاشرة من عمره بعد رحلة طويلة تضمنت الانتظار 12 يومًا في جنوة بإيطاليا و20 يومًا أخرى في عنبر السفينة. يتذكر نزيه اليوم

كان بناء برازيليا علامة فارقة في تاريخ البرازيل في القرن الماضي. فقد كان نقل المركز السياسي للبلاد من ريو دي جانيرو الصاخبة والعالمية إلى الهضبة الوسطى غير المضيافة وغير المأهولة بالسكان، على الرغم من كونها قديمة - كانت بالفعل ضمن خطط ماركيز بومبال، في أيام البرازيل الإستعمارية، وكان حجر الأساس للمدينة موجوداً هناك منذ عام 1922 - كانت مهمة جريئة وشاقة ومستحيلة عملياً بالنسبة للكثيرين. ولكن حدث ذلك، خلال ولاية جوسيلينو كوبيتشيك، "رئيس بوسا نوبا"، وتم افتتاح المدينة في عام 1960.

ولكن أولاً، اجتذبت جهود بناء العاصمة الجديدة جيشاً حقيقياً من العمال لوضع خطة أوسكار نيمير ولوسيو كوستا التجريبية الجريئة موضع التنفيذ. أناس من شمال البرازيل إلى جنوبها ومن جميع أنحاء العالم، مثل المهاجر السوري عزيز عبد الله جرجور وزوجته منية وأولادهما الثلاثة: نزيه ومنذر وعبد الله. ولا سيما المولود الأول، نزيه، الذي أصبح أحد رواد الأعمال في المنطقة ولا يزال اليوم شخصية بارزة ومواطنًا بارزًا في المجتمع البرازيلي.

وصل آل جارجور أثناء بناء العاصمة، حيث أسسوا أنفسهم أولاً في التجارة ثم استثمروا في زراعة وحصاد وتحميص وتعبئة وبيع قهوة كاندانغو. لقد حولوا الفرص إلى أعمال تجارية وطوّروا الاقتصاد المحلي ومزجوا قصصهم مع قصص الفصل الجديد في الحياة البرازيلية في المقاطعة الفيدرالية. تكتسب زراعة البن في المقاطعة الفيدرالية المزيد والمزيد من الأرض وتتميز بالجودة العالية لحبوبها. ولا يرجع هذا الأداء إلى المشاكل الطبيعية والبيئية - الارتفاع والمناخ والرطوبة المنخفضة - فحسب، بل يرجع أيضاً إلى الخبرة التي طورها المزارعون على مر السنين. فهم يزرعون محاصيلهم على أرض على ارتفاع 1,000 متر، مروية بالكامل، بمساعدة الاستشاريين والتكنولوجيا التي تجعل المحصول يحقق أقصى إنتاجية في أصغر مساحة متاحة. ومن بين هؤلاء المنتجين عائلة جرجور.

تم تسجيل هذه القصة على النحو الواجب في كتاب "نزيه جرجور - قصة الإيمان والحب والشجاعة والإصرار" (منشورات فيناليا)، وهو كتاب من تأليف زوجة كاتب السيرة الذاتية ومعلمته، أليس سالم زغبى جرجور. وقد جمعت في عملها ذكريات وقصصاً وصوراً من ألبوم العائلة الثري، ساردة ملحمة عمرها قرون من الزمن، من أصول العائلة في سوريا. "لطالما راودتني فكرة ترجمة القصة البطولية لنزيه ووالديه إلى كلمات. وقد أجلت حوادث الحياة المختلفة تحقيق المشروع، ولكن حان الوقت لكي نحمد الله ونشكره على قصة حياة متحدة ومتضامنة ساعد فيها الجميع بعضهم بعضاً وتغلب فيها الجميع"، كما كتبت الكاتبة في مقدمة العمل الذي يجمع مسارات عائلتيهما على خلفية ولادة برازيليا.

نزیه جرجور الريادة في الهضبة الوسطى

لم تكن "قلب البرازيل" أرضاً خصبة لأبناء وبنات الأرض فحسب، بل كانت أيضاً مكاناً للفرص لأولئك الذين قدموا إلى هنا وربطوا تاريخهم بتاريخ وطنهم الجديد. كما كان الحال بالنسبة لهذا البرازيلي السوري المولد.

FOTO: DIVULGAÇÃO

رجل الأعمال نزیه جرجور مع
ابنه وابنته عزيز وسميرة: استمرار
مسيرة عائلة جرجور في البرازيل

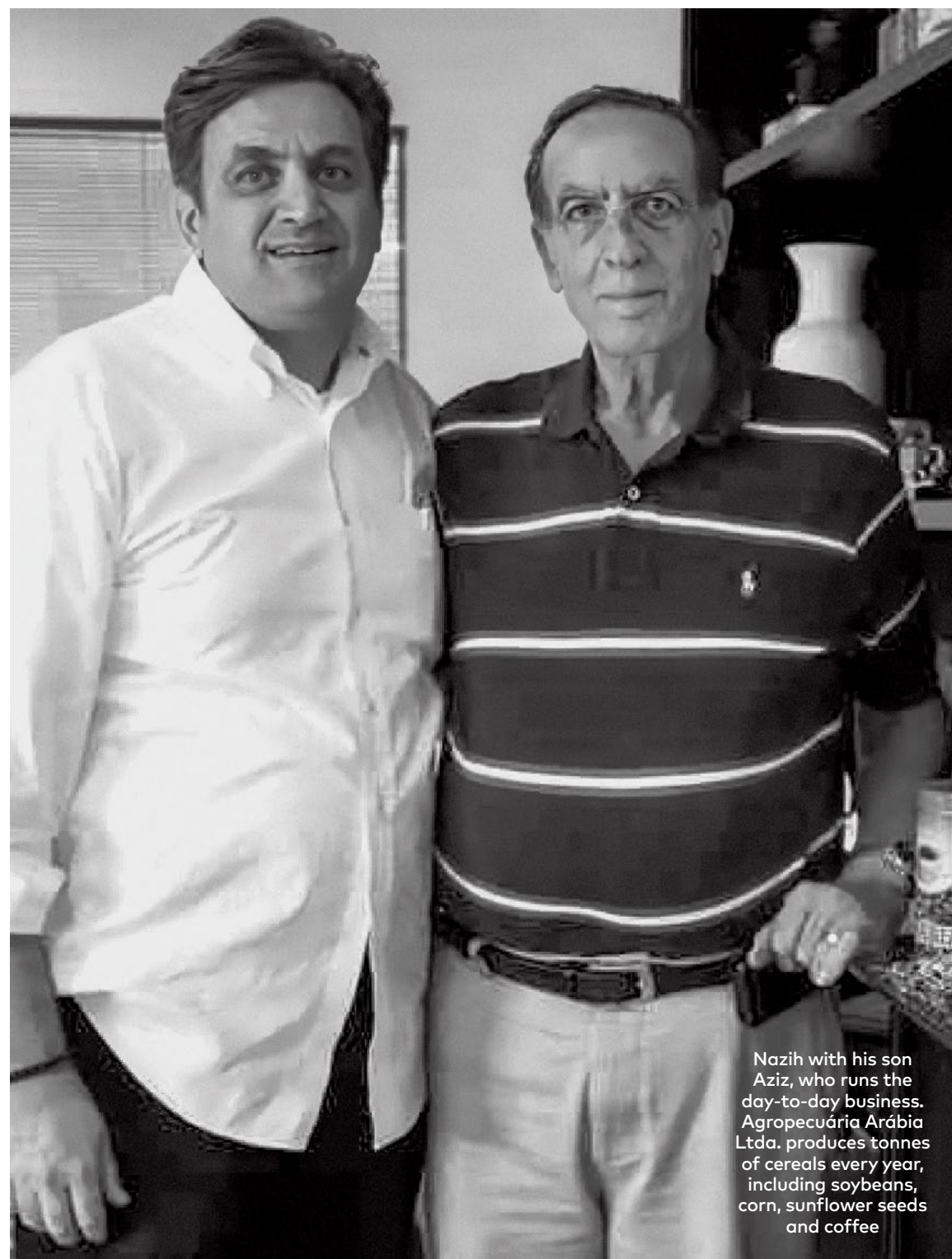


GENTE
QUE FAZ

Nazih Tarjoun Pioneering ON THE BRAZILIAN HIGHLANDS

THE "HEART OF BRAZIL" HAS NOT ONLY BEEN FERTILE GROUND FOR THE SONS AND DAUGHTERS OF THE LAND, BUT ALSO A PLACE OF OPPORTUNITY FOR THOSE WHO HAVE CAME HERE AND LINKED THEIR HISTORY TO THAT OF A NEW HOMELAND. AS WAS THE CASE WITH THIS SYRIAN-BORN BRAZILIAN

FOTO: DIVULGAÇÃO



Nazih with his son Aziz, who runs the day-to-day business. Agropecuária Arábia Ltda. produces tonnes of cereals every year, including soybeans, corn, sunflower seeds and coffee

THE JARJOURS ARRIVED DURING THE CONSTRUCTION OF THE CAPITAL, FIRST ESTABLISHING THEMSELVES IN COMMERCE AND THEN INVESTING IN PLANTING

The construction of Brasília was a major milestone of Brazilian history in the last century. Transferring the country's political center from the bustling and international Rio de Janeiro to the inhospitable and unpopulated Brazilian Highlands, despite being an old idea - it was already in the plans of the Portuguese Marquis of Pombal, back in the days of Colonial Brazil, and the city's foundation stone has been there since 1922 - was an audacious, arduous and, for many, practically impossible task. But it came to life, during the mandate of Juscelino Kubitschek, the "Bossa Nova president", and the city was inaugurated in 1960.

Before that, however, the efforts to build the new capital attracted a considerable army of workers to put Oscar Niemeyer and Lucio Costa's bold Pilot Plan in place. People from northern to southern Brazil and from all over the world, such as the Syrian immigrant Aziz Abdalla Jarjour, his wife Múnia and their three sons: Nazih, Monder and Abdalla. Especially the first-born, Nazih, who became one of the region's pioneering entrepreneurs and today remains a prominent personality and citizen in Brasília's society.

The Jarjours arrived during the construction of the capital, first establishing themselves in commerce and then investing in planting, harvesting, roasting, packaging and selling Candango coffee. Visionaries, they turned opportunities into businesses, developing the local economy and blending their stories with that of the new chapter in Brazilian life.

In the Federal District, coffee growing is gaining more and more ground and is characterized by the high quality of its beans. This performance is due not only to natural and environmental issues - altitude, climate, low humidity - but also to the expertise developed over the years by the farmers. They cultivate their crops on land at an altitude of 1,000 meters, fully irrigated, with the help of consultants and technology making the crop yield the maximum in the smallest space available. Among these producers is the Jarjour family.

This trajectory is duly recorded in "Nazih Jarjour - A Trajectory of Faith, Love, Courage and Determination" (Editora Vitalia), a book written by Alice Salem Zogbi Jarjour, a teacher as well as Nazih's wife. In the book, she recollected memories, stories and images from the richly documented family album, telling a centuries-old saga, dating from their humble origins in Syria. "The idea of putting the heroic story of Nazih and

his parents into words had long been a cherished one. Several life's obstacles and setbacks delayed the project, but time has come for us to praise and thank God for such a life story full of union and solidarity in which everyone helped each other to overcome and win", writes the author in the introduction to a narrative that unites their families trajectories having the birth of Brasília as a backdrop.

IN LITTLE HAFAR

The story began far from the savannah of the Brazilian Highlands. The Jarjours' roots lay in Hafar, a district of Homs, 110 kilometers from Damascus, Syria. Situated at 1,150 meters above sea level, it was a typical small inland town with a mild and pleasant climate in the summer, very different from the capital, where the heat could be unbearable. Younger people, who left the area to work or study in larger cities, used to return during the summer vacations to visit their families. That was the common movement for those who were living in other Syrian cities or had moved to the Persian Gulf, Europe, the United States and Brazil.

Traditional family gatherings in Hafar were a local tradition, very joyful and festive with their sahras - late-night soirees - plenty of food, drinks

and dabke, the region's typical dance. One of the few Christian villages in an Islamic majority country, it was predominantly Syriac Catholic, greatly influenced by the Danish missions, which set up a Protestant school and church there.

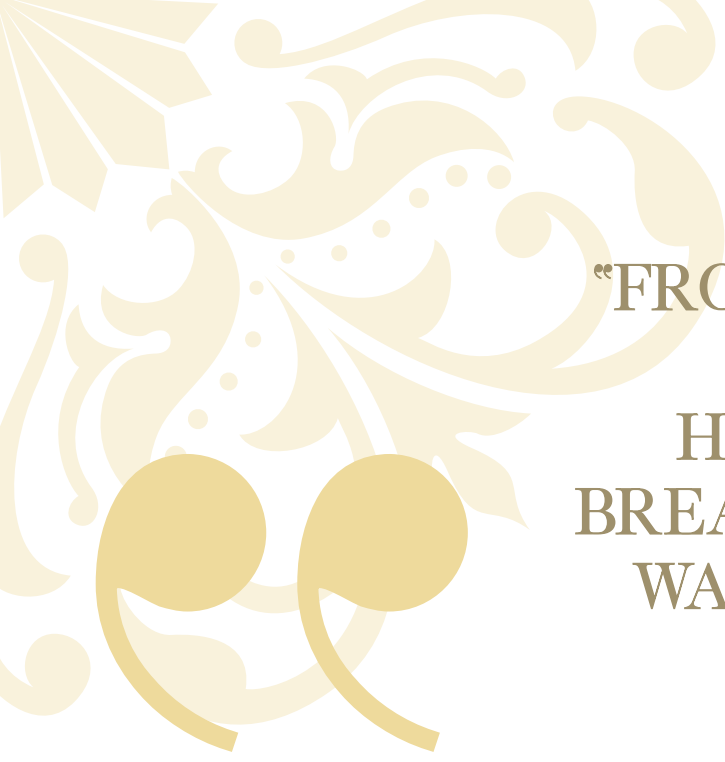
It was at this school that Aziz Jarjour met the young teacher Múnia Fadlo Cury, from Deir Atié, a town 18 kilometers away from Hafar. In order they could marry, Aziz was converted to Orthodox Catholicism. Orphaned, he was raised by his older brother, Mussa. Together, they ran the family's wheat mill and a sheep's wool trade, ensuring their sustain, but not without setbacks.

That, coupled with Aziz's adventurous spirit, led the boy to decide to pursue other paths. Following in the footsteps of a cousin, he decided to leave for Brazil, a "Land of Prosperity", as he learned. So, at the end of 1947, he left his homeland, his family, his friends and all his references departing for Belo Horizonte. Múnia and her three children remained in Syria, living with her mother in Deir Atié.

IN BRAZIL, A NEW START IN MINAS GERAIS

The family's reunion took a long five years to happen. It would take place in the capital of Minas Gerais itself, where Aziz had arrived

THE JARJOURS' ROOTS LAY IN HAFAR, A DISTRICT OF HOMS, 110 KILOMETERS FROM DAMASCUS, SYRIA



“FROM AN EARLY AGE, HE TOOK IT UPON HIMSELF TO BE THE BREADWINNER. NAZIH WAS FORMED BY THE SCHOOL OF LIFE”

with a dream and not knowing a single word of Portuguese, like so many of his countrymen before and after him. He started his new life with a bar and café and then moved to the Lagoinha neighborhood, setting up a bar and dry goods store. His main helper was his eldest son, Nazih - who arrived in Brazil at the age of ten, after a long journey that included waiting 12 days in Genoa, Italy, and another 20 in the hold of a ship. “The sea water hit the windows,” Nazih recalls today.

Already established in Brazil, after mastering the local language and speaking and writing fluently, Nazih completed the fifth grade of elementary school and was satisfied. He decided to leave school because his parents needed him working. “From an early age, he took it upon himself to be the breadwinner. Nazih was formed by the school of life, whose blows taught him to grow up with touches that were not always gentle on his soul. But over the years, he showed his capacity for work and a vocation for business. His keen commercial vision made the family’s investments expand,” tells Alice in the book.

In the capital of Minas Gerais, the Jarjours invested heavily, made many friends and became involved in the local Syrian and Lebanese community. But business wasn’t that promising.

At the same time, Juscelino Kubitschek de Oliveira was elected president of the Republic, promising 50 years of development in just five years in office, and he did what many thought impossible: he started building a new capital for Brazil. Excited and dreaming of new possibilities, Aziz called his wife and son Nazih for a reunion. Together they decided that the time was right and sacrifices were necessary. The family sold what they had and set off for the Brazilian Highlands.

BRASÍLIA, THE “SKY CITY”

In June 1958, after 14 days of exhausting travel, including many dirt roads and even a river crossing - in which the family’s old 1934 Ford had to be pulled by a tractor to avoid having its engine ruined - the Jarjours settled in their own house in Cidade Livre, today’s Núcleo Bandeirante. Although the town was still in its infancy, to the point where the only lights visible from the road were the blue lights of the airport runway, there were banks, wholesale warehouses, fabric and furniture stores, sawmills, shoe stores, lumber yards and a Volkswagen dealership.

There was also the Police Guard Battalion, under the command of the state of Goiás, and the Fire Brigade. Everything was housed

in wooden buildings. The most sophisticated restaurant in town was Tudo Azul, owned by his friend Jalil Moufarrege, a partner in the local soft drinks factory. Every day, on a route of just over 500 meters, a car equipped with several loudspeakers would play Gounod’s Ave Maria. Indeed, faith would prove essential from then on.

Being cautious, Aziz divided the house into two parts and rented out the front to an acquaintance who had opened a clothes store. In his part, he installed a bar, equipped with a strategic ice cream machine. In addition to the more than 30 merchant families who lived there, the aim of the government project was to attract the huge workforce that worked three shifts a day building the new capital. There were thousands of workers whose only leisure option was to eat and drink something other than the rice and beans offered in the construction companies’ canteens.

“The frenetic pace of the work was amazing. As I delivered coffee to the construction companies’ canteens on Tuesdays, I was amazed at how quickly they cleared the land and opened up the Central Axis and the East and West axes of the South Wing. The entire metal structure was shipped from the United States to the port of Santos (by the seacoast

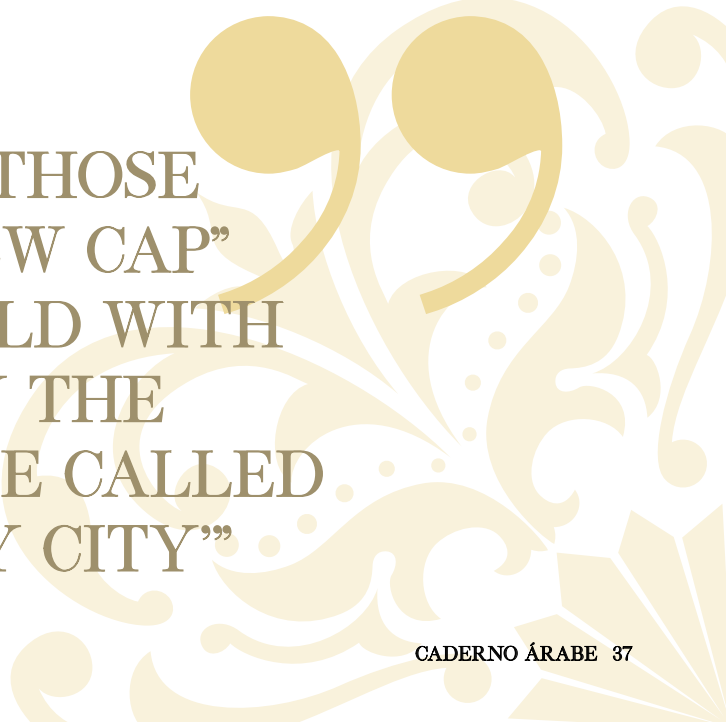
of São Paulo). From there, it was taken by train to Anápolis (in Goiás) and then by truck to Praça dos Três Poderes. This route, from the National Congress to the bus station, was earthed and leveled with the earth taken for the construction of the underground levels of the bus station,” Nazih recalls.

The emotion of those who saw the “new cap” being born is told with deep emotion by the author: “Someone called Brasília the ‘Sky-City’, because it seems to be within reach of our hands. You don’t even have to look up to see and appreciate it. The gates of civilization were opening to the Brazilian Midwest. An elegant airplane-shaped outline emerges from a cross on white paper. From there, Brasília, the capital of Brazil, came into view”.

And so everything was going well until one night in September 1960.

REBORN FROM THE ASHES

Between 11 p.m. and 1 a.m., the family’s house and business were consumed by a fire, fueled by the dry weather, a fire department of just four men, a single, incipient water truck and a large stock of alcoholic beverages - for the end-of-year celebrations. Mr. Aziz and Mrs. Múnia, plus Nazih and his siblings, were left with



THE EMOTION OF THOSE WHO SAW THE “NEW CAP” BEING BORN IS TOLD WITH DEEP EMOTION BY THE AUTHOR: “SOMEONE CALLED BRASILIA THE ‘SKY CITY’”

NAZIH, THEN 18, PLUNGED INTO THE INTENSE WORK OF DELIVERING THE BAGS OF COFFEE, HELPING HIS FATHER WITH EVERYTHING ELSE HE COULD

nothing but the clothes they were wearing. They counted on the solidarity of the local community and, a week later, they found a new house to live in. “And as God opens a door for every window that is closed,” says Professor Alice in her prose, “something good was about to happen.”

In Brasília, Aziz had struck up a good friendship with Abdias Silva, a local coffee entrepreneur. Already elderly, tired and thinking of taming the rhythm, he proposed to his Syrian friend the leasing of the roasting and milling plant of Café Paranoá, which he owned. When heard about the deal, another friend of Aziz’s from Belo Horizonte offered a partnership in the business.

Nazih, then 18, plunged into the intense work of delivering the bags of coffee, helping his father with everything else he could. The same didn’t happen on the other interested side of the company. Even so, the business flourished.

It wasn’t long before conflicts and disagreements arose between the partners, with the Jarjours withdrawing from the venture - at a certain loss - to start a new stage. Nazih says proudly: “My father was a man who fell on his feet”. And so Café Arábia was born.

In the book, the businessman recalls: “There is no evil that does not come to good. My father and I went to Goiânia. We saw the facilities

of the new and modern O Mercador coffee roasting plant, owned by Mr. Zidan, who gave us the coordinates and we went to São Paulo to negotiate and buy machinery for the business.”

It took eight months between the arrival of the equipment and the construction of the 150-meter masonry shed in the Industrial Sector of Taguatinga. The care taken in setting up the new roasting plant was shared with a grocery store that the family had opened in Brasília’s Asa Sul and little by little the difficulties were overcome. In order to face competition from the more than two thousand roasters registered throughout the country with the Brazilian Coffee Institute (IBC), the name Café Arábia was chosen, alluding to the region where one of the world’s best beans comes from. The packaging featured a design typical of that region and was considered one of the most creative in Brazil at the time.

The coffee that came from Goiânia was initially sold to bakeries. According to Nazih: “I would leave the coffee to be delivered the next day. When I arrived, there was already a shortage of coffee. But when I received it, I gave 30% to the clerks. There were no sales without this ‘gift’”. It didn’t take long for Arábia to reach the supermarkets. Within seven years, when it reached the IBC’s maximum quota - 1,600 bags a

month - the brand was the market leader. Growth required new facilities, modern machinery and a renewed fleet. The company practically inaugurated the new Industrial Sector, in the northern region of Taguatinga.

The growth of the coffee business also led to a diversification of the Jarjour businesses, which began to invest in the manufacture and distribution of corn starch, industrial bread and cookie bakery, car dealerships, gas stations, a supermarket chain and a rental company for executive and armored cars. At the end of the 1970s, while Café Arábia set new sales records, reaching 120 tons per month, the Jarjour family moved into agribusiness.

The proposal was to invest in white farming, cattle breeding and, of course, coffee plantations. That was when Fazenda Arábia was born, with around 2,000 hectares, the first of its kind in the Federal District. In the 1990s, in order to make room for soy crops, Fazenda São Jorge was bought in Padre Bernardo (GO), where all the beef cattle were transferred.

A THOUSAND KILOMETERS TO THE ALTAR

One of Nazih Jarjour’s great passions is traveling. Especially getting behind the wheel

of trucks, cars and motorhomes to do good business or get to know Brazil. On one of these journeys, his destination was São Paulo and he discovered an even greater passion. The Jarjours went to São Paulo to buy the first machines for the new Café Arábia and took the opportunity to visit Salime Salem, a friend and former neighbor of Múnia’s in Deir Atié. There, Nazih met Alice Salem Zogbi, then a 15-year-old teenager, who lived in São João da Boa Vista, inland of the state, and was spending vacations with her grandmother.

Alice’s father, Nasri Paulo Zogbi, was born in the mountain town of Cornet Chahwan, 18 kilometers from Beirut. He arrived in Brazil when he was just ten years old and went to live with his family in the interior of São Paulo. In São João da Boa Vista, he became a partner in a cotton farm and in the Boa Vista store, an important reference in local retail. His mother, Renée Salem, the daughter of merchants from Deir Atié in Syria, also came with her family to Brazil because her brother was suffering from rheumatic fever. The family settled in Ribeirão Preto.

If the first meeting between Nazih and Alice, in 1961, was casual and unpretentious, the same cannot be said of the following ones. Four years later, Múnia Jarjour was in the United

AT THE END OF THE 1970S, WHILE CAFÉ ARÁBIA SET NEW SALES RECORDS, THE JARJOUR FAMILY MOVED INTO AGRIBUSINESS



“OF EVERYTHING WE’VE ACHIEVED, OUR CHILDREN AND FAMILY HAVE BEEN OUR GREATEST TREASURES, TRUE BLESSINGS FROM GOD”

States visiting relatives and friends when she was informed that Alice was still single. She really wanted her eldest son to marry a girl with the same roots as hers. As if something urgent was bothering her, she interrupted the trip and quickly returned to Brazil to organize a visit to the young lady. However, there were plenty of obstacles to get in the way of his plans. “At the time, Nazih had undergone appendix surgery and had problems recovering due to an allergy to adhesive plaster. But Múnia was a woman of quick and firm decisions. She insisted to accompany the son to São Paulo. And as soon as Nazih was discharged, they hit the road,” recalls the author.

It was just one of many comings and goings between Brasília and São João da Boa Vista. Some of them were in an old Kombi which, as Nazih recalls, “couldn’t see an uphill climb and already cried... and I was going over 60 kilometers per hour”. Finally, in 1966, he put an end to the kilometers of distance and they walked down the aisle.

From this union, three children were born: Samira, Rosângela and Aziz. “Of everything we’ve achieved, our children and family have been our greatest treasures, true blessings from God. As Khalil Gibran once said, they don’t

belong to us. Samira, for example, traveled with her grandmother to the United States for postgraduate studies and stayed there. She got married and had our first grandchild there. Could we stop it? Never. We turned the distance into a reason to always visit them, or they visit us. The important thing is to make tasty lemonade out of the lemons that life gives us,” says Professor Alice.

COFFEE, LEMONS AND LEMONADE

At 81, Nazih lives with Alice on the family farm, but it’s his son Aziz who takes care of the day-to-day business. Agropecuária Arábia Ltda. produces tons of grain a year, including soybeans, corn, sunflower seeds and coffee. These crops share space with Nelore cattle. Nazih estimates that from the early 1960s until now, he has sold around 40 million kilos of coffee on the local market and many more around the world, through his international brand, Café Continental, with a line of specialty products.

In 2015, Café Arábia underwent several changes to its image, gaining new packaging and a family of related products, such as coffee filters, cappuccinos, instant coffee

and chocolate milk. But it has retained the traditional characteristics that have made it a favorite among consumers: a strong, persistent aroma and low acidity.

Achieving such success and, as Alice says, “turning lemons into lemonade” have not always been easy tasks. But the family understands that every challenge must be met with resilience, effort, hard work and faith. Even when high prices have to be paid. Like selling the pioneering Café Paranoá company at a price well below market value and starting again from scratch. Or when the couple faced the greatest pain with the tragic loss of her daughter Rosângela, who died early of a rare type of cancer.

All this helped Nazih, Alice and their children to make the most of life. They have become a clan with a gregarious, generous personality, capable of welcoming ministers, presidents and other personalities into their home salons, as well as dear friends they have cultivated over the years, never losing their affection and tenderness. Even though he works from sun up to sun down, Nazih finds quality family time and gets involved in the most diverse social causes - which have made an impact on the Federal Capital even before it was founded.

From the construction of the Antiochian Orthodox Church of Brasília, in Lago Sul, to the creation of the Arab Culture Institute (ICAB) - the largest of its kind in the Brazilian Midwest and a reference for immigrants, arabian descendants and enthusiasts of the rich culture and values of the Arabian World. To the construction of the Syrian embassy in the 1970s, when Nazih joined friends to form a committee - representing the Syrian Colony of Brasília - supervising the work in progress. Nazih Jarjour’s career is part of Brasília’s history.

In 1977, accompanied by his wife Alice and his parents, Nazih finally returned to his native Syria. He was welcomed like a prodigal son by the inhabitants of Hafar. From then on, the Jarjour couple visited the country several times and, in the 1980s, they left their legacy in Hafar, opening a clinic to serve the locals.

In her book, Professor Alice Salem Zogbi Jarjour, quoting the Portuguese poet Fernando Pessoa, sums up not only the spirit of her work but also an important life lesson:

“The value of things is not in how long they last, but in how intensely they happen. That’s why there are unforgettable moments, inexplicable things and incomparable people.” ■



ACHIEVING SUCH SUCCESS AND, AS ALICE SAYS, “TURNING LEMONS INTO LEMONADE” HAVE NOT ALWAYS BEEN EASY TASKS

TRECHOS DA Sabedoria Árabe

NOSSAS OBRAS
ENSINAM MELHOR
DO QUE NOSSAS
PALAVRAS.

O homem fala, o sábio
cala, o tolo discute.

Só se atiram pedras
a árvores frutíferas.

A NOBREZA
NUNCA FAZ EM
SEGREDO O QUE A
ENVERGONHARIA
EM PÚBLICO.

QUANDO FIZERES
O BEM, OCULTA-O.
QUANDO TE
FIZEREM O BEM,
PROCLAMA-O.

NÃO HÁ MENSAGEIRO
COMO O DINHEIRO.

A generosidade consiste em
dar antes de ser solicitado.

A PROSPERIDADE
CRIA OS AMIGOS,
O INFORTÚNIO
OS PROVA.

SE TEU AMIGO FOR
DE MEL, NÃO O
COMAS INTEIRAMENTE.

ANTES CENSURAR
ABERTAMENTE DO QUE
ODIAR EM SILÊNCIO.

QUEM TEM MEDO,
TEM DESGRAÇA.



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

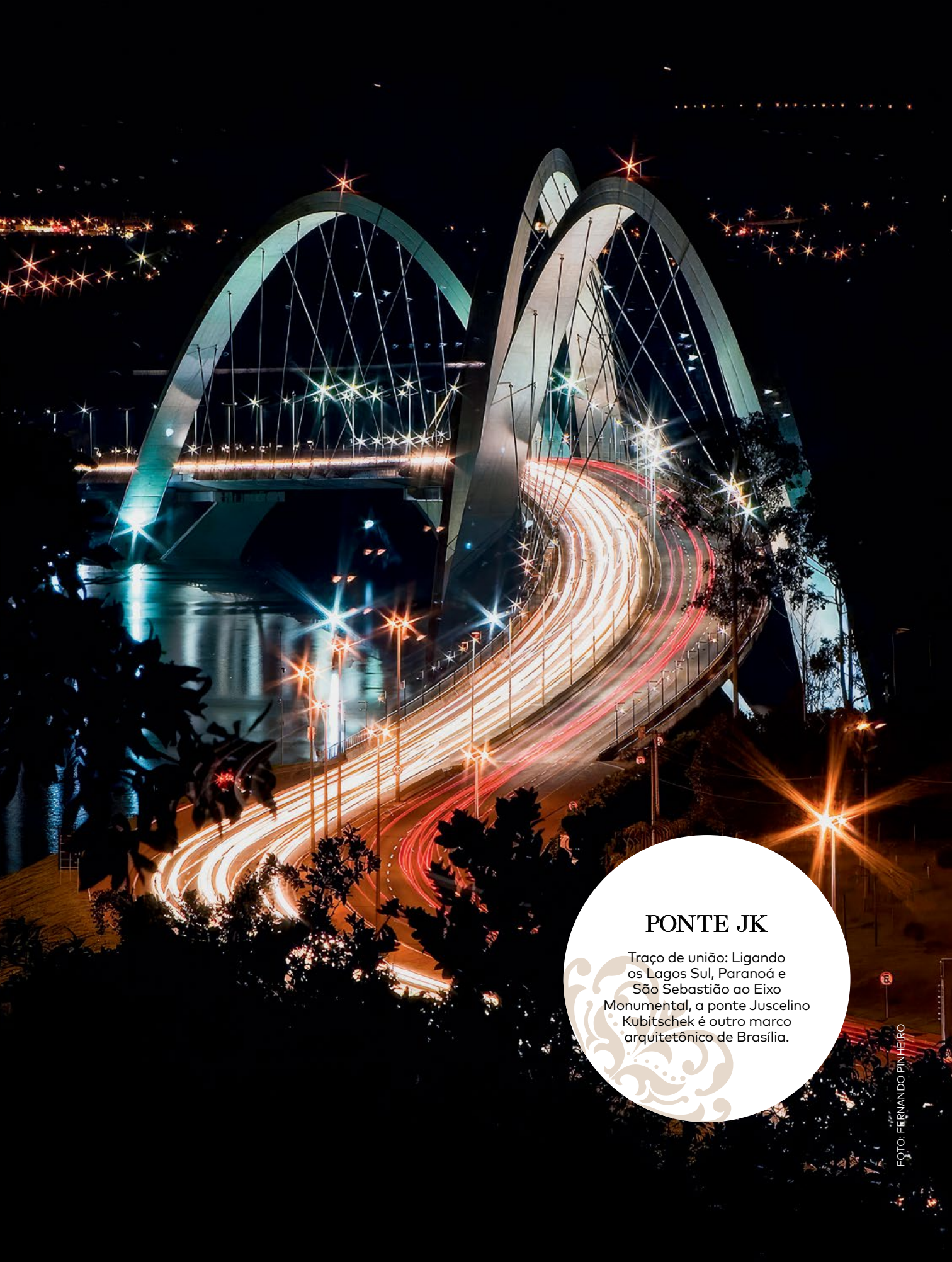
Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME
E-MAIL TEL.
ENDEREÇO
CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR U\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ · AGÊNCIA 7307 · CONTA CORRENTE 97883-8



PONTE JK

Traço de união: Ligando os Lagos Sul, Paranoá e São Sebastião ao Eixo Monumental, a ponte Juscelino Kubitschek é outro marco arquitetônico de Brasília.